A Emigração do Distrito do Porto para o Brasil (1880-1882) Preliminares de um Estudo

Maria José Ferraria*

O fenómeno da emigração marca, desde cedo, a História do Povo Português, que desde tempos remotos busca longe da Mãe Pátria melhores condições de vida, aventura e cria o mito da saudade.

Miguel Torga, um dos maiores escritores portugueses do séc. XX, também ele emigrante no Brasil durante os anos de sua juventude escreveu: "Quem nunca se sentiu a mais na própria terra, a ponto de ser obrigado a deixá-la e a procurar na distância o calor que ela lhe nega, mal pode compreender o que significa esse golpe na consciência, essa vergastada no amor-próprio, esse sentimento dorido de todo o filho segregado do lar materno."[1]

Não é preciso muito para conseguirmos imaginar a massa de homens, mulheres e crianças, que arrebatados pelo sonho de uma vida melhor, acorreram ao chamado e partiram para além do Oceano, com os poucos bens que possuíam. A viagem, longa e cansativa, parecia não os assustar. As dificuldades seriam muitas, mas dificilmente superiores às vividas na sua terra mãe. À noite, quando os barcos largavam as amarras e lentamente rasgavam as ondas, por entre as lágrimas e os gemidos dos que partiam e o desgosto e a saudade já sentida pelos que ficavam, a História da Emigração para o Brasil começava a ser escrita.

A década de início deste estudo – 1880 – foi escolhida porque é a partir de então que a emigração portuguesa para o Brasil marca um novo impulso.

Neste momento, o levantamento dos dados relativos aos anos de 1880, 1881 e 1882 está concluído. Apesar de ainda não nos permitirem equacionar a verdadeira dimensão da emigração para o Brasil a partir de Portugal (e dizemo-lo desta forma, pois optámos por incluir nos nossos dados não só os naturais de Portugal, mas também os estrangeiros aí residentes que registam o seu passaporte e partida deste país — entre estes encontrámos alemães, franceses, ingleses, espanhóis e brasileiros), ajudam-nos a começar a vislumbrar os seus contornos.

---

* Investigadora do CEPESE

[1] TORGA, Miguel – *Traço de União*, 2ª ed., Coimbra: 1969, p. 101

As fontes utilizadas até este momento, os *Livros de Registo de Passaportes do Fundo do Governo Civil do Porto*[2], que se encontram no Arquivo Distrital do Porto, para além das características físicas de cada indivíduo, permitem-nos registar o nome, a data do pedido de passaporte, a naturalidade, a idade, o destino, o estado civil, a profissão, o sexo, se leva ou não acompanhantes e a sua relação com os mesmos.

É evidente que gostaríamos de saber mais, como por exemplo a filiação, a qual, para estes anos, só excepcionalmente é mencionada, pois apenas se regista o nome do pai ou da mãe, quando o portador do passaporte é menor. Obviamente que mais tarde será possível completar alguns dados através dos registos paroquiais e dos livros de entrada de emigrantes no Brasil.

Um dos primeiros pontos de reflexão é, sem dúvida, aquele que nos coloca o tipo de fonte por nós utilizada. O livro de registo de passaportes é precisamente isso e nada mais. Um livro em que se registam os passaportes de todos aqueles que, em determinada altura das suas vidas tiveram necessidade desse documento. Uns porque pretendiam viajar por simples gozo e lazer, outros porque decidiram empreender uma viagem de negócios e, finalmente – a grande maioria –, aqueles que pretendiam viajar para outros países, em busca de melhores condições de vida – os emigrantes. Neste momento ainda não nos é possível estabelecer a diferença entre todos os registados nem mesmo estabelecer um perfil do emigrante português para o Brasil. Entre esses emigrantes, há depois que distinguir aqueles que não mais regressaram à sua Pátria daqueles que retornaram a Portugal, para aqui investir os lucros da árdua luta que travaram. Também é interessante tentar a abordagem do percurso daqueles que, tendo obtido um maior sucesso, conseguiram marcar a diferença quando regressaram a Portugal, adquirindo um estatuto social que sem a opção de emigração se tornaria impossível. Há também os casos daqueles que, obtendo sucesso no país de acolhimento, não quiseram regressar a Portugal e aqueles que, apesar do seu esforço, não obtiveram sucesso financeiro e acabaram por se diluir na enorme massa de gente que hoje constitui a população brasileira.

Podemos também optar pelo estudo daqueles que se tornaram emigrantes com projecção internacional na área da cultura e do saber em geral.

Apesar de já termos levantado os dados relativos aos acompanhantes, ainda não iniciámos o seu estudo. Contudo, foi possível perceber as seguintes situações: jovens adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos acompanhavam frequentemente os seus pais; mulheres solteiras, casadas

[2] PORTUGAL. Arquivo Distrital do Porto – Livros 3315 a 3321.

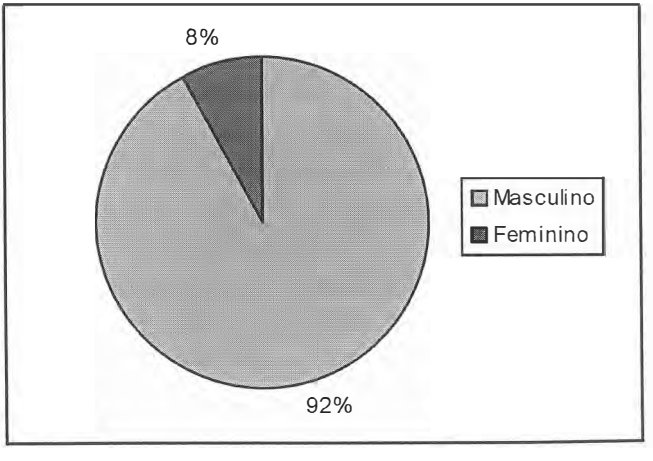
ou viúvas partiam juntamente com seus filhos menores; e ainda, nalguns casos, o homem partia acompanhado da família completa. Encontrámos já um ou outro caso de indivíduos que, depois de uma primeira viagem, regressam a Portugal para buscar a família e levá-la com eles numa segunda viagem, o que já nos permite pensar numa hipótese de fixação em terras brasileiras. Nestes casos, era frequente as mães levarem consigo bebés de tenra idade, a qual podia variar entre os vinte dias e os poucos meses. No entanto, este estudo far-se-á no decorrer do próximo ano, quando pudermos apresentar já uma quantificação significativa que nos permita obter conclusões mais concretas.

Mesmo assim, neste momento podemos verificar que, num universo de 7 307 emigrantes que registaram os seus passaportes no Governo Civil do Porto, 6 753 era do sexo masculino, que representava 92% da sua totalidade, enquanto apenas 554 (8%) eram mulheres (Quadro n.º 1 e Gráfico n.º 1).

Quadro n.º 1
Distribuição por sexo (1880-1882)

Sexo	Número	%
Feminino	554	7,6
Masculino	6753	92,4
TOTAL	7307	100

Gráfico n.º 1
Distribuição por sexo (1880-1882)



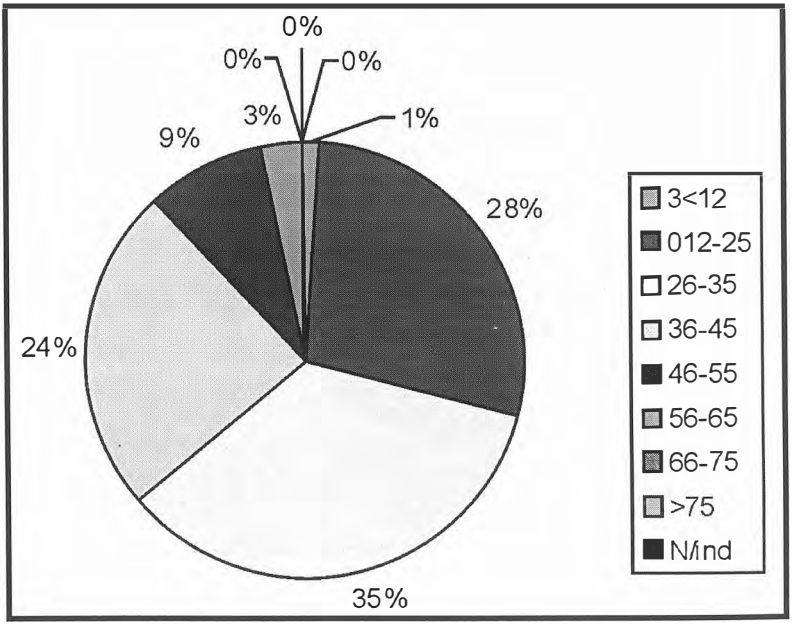
Não discriminámos aqui as crianças, mas sabemos que entre estes emigrantes, 89 tinha menos de 12 anos de idade, tendo o emigrante mais

novo, com passaporte individual registado, 3 anos. 2 077 tinham entre 12 e 25 anos, 2 462 entre 26 e 35 anos, 1 750 entre 36 e 45 anos, 674 entre 46 e 55 anos, 216 entre 56 e 65 anos, 25 entre 66 e 75 anos e surgem 2 casos com idade superior a 75 anos (Quadro n.º 2 e Gráfico n.º 2).

Quadro n.º 2
Distribuição por idades (1880-1882)

Idade	Emigrantes	%
03<12	89	01
012-25	2077	28
26-35	2462	35
36-45	1750	24
46-55	674	09
56-65	216	03
66-75	25	00
>75	02	00
N/ind	12	00
Total	7307	100

Gráfico n.º 2
Distribuição por idades (1880-1882)

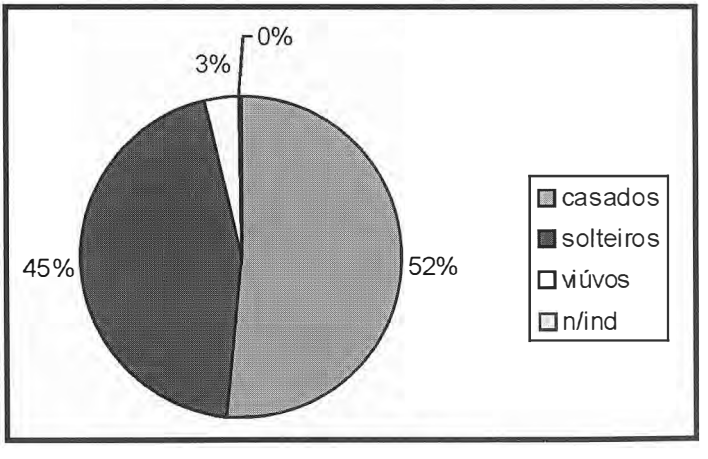


Relativamente ao estado civil destes emigrantes, registamos 3787 casados, 3249 solteiros, 251 viúvos e 20 casos em que o estado civil não é indicado (Quadro n.º 3 e Gráfico n.º 3).

Quadro n.º 3
Distribuição por estado civil (1880-1882)

Estado Civil	Número	%
casados	3787	51,8
solteiros	3249	44,5
viúvos	251	3,4
n/ind	20	0,3
TOTAL	7307	100

Gráfico n.º 3
Distribuição por estado civil (1880-1882)

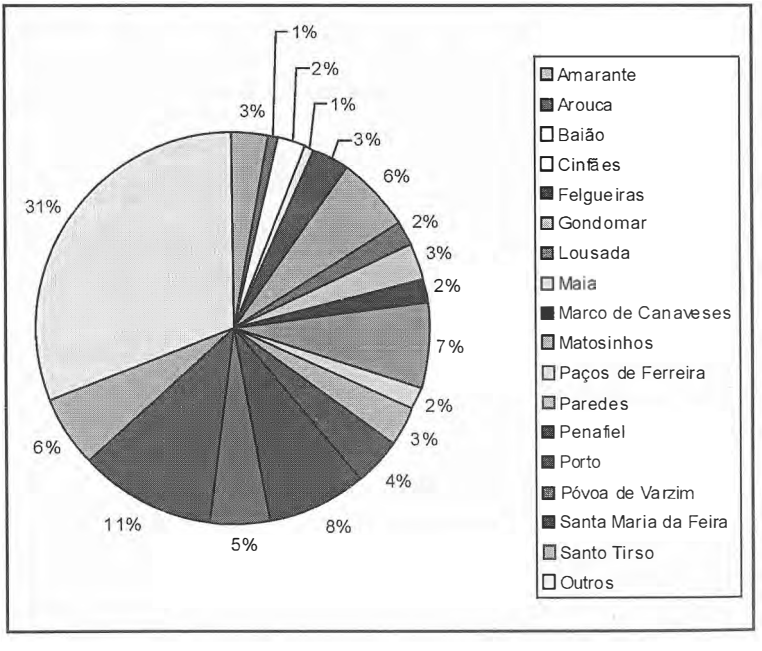


A grande maioria destes emigrantes vem do norte do país, nomeadamente de Amarante, Arouca, Baião, Felgueiras, Gondomar, Lousada, Maia, Matosinhos, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Porto, Póvoa de Varzim e Santa Maria da Feira (Quadro n.º 4 e Gráfico n.º 4).

Quadro n.º 4
Distribuição por naturalidade (1880-1882)

Naturalidade	Número	%
Amarante	248	03
Arouca	109	01
Baião	168	02
Cinfães	101	01
Felgueiras	226	03
Gondomar	440	06
Lousada	147	02
Maia	246	03
Marco de Canaveses	154	02
Matosinhos	519	07
Paços de Ferreira	124	02
Paredes	246	03
Penafiel	323	04
Porto	620	08
Póvoa de Varzim	334	05
Santa Maria da Feira	796	11
Santo Tirso	459	06
Outros	2247	31
TOTAL	7507	100

Gráfico n.º 4
Distribuição por naturalidade (1880-1882)

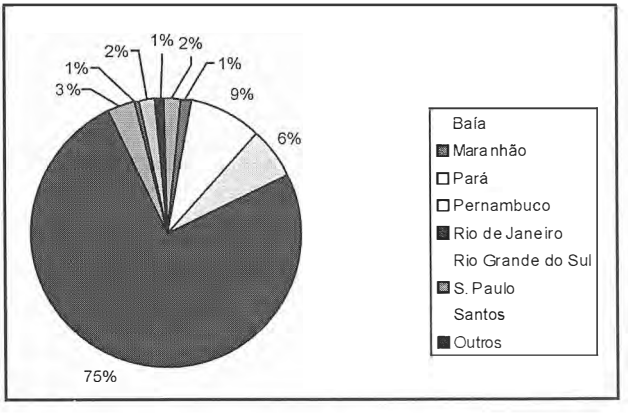


Os destinos escolhidos por estes emigrantes também são muito variados, embora a grande maioria se dirigisse para o Rio de Janeiro, o Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul ou Baía (Quadro n.º 5 e Gráfico n.º 5).

Quadro n.º 5
Distribuição por destino (1880-1882)

Destino	Número	%
Baía	166	02
Maranhão	91	01
Pará	629	09
Pernambuco	393	06
Rio de Janeiro	5468	75
Rio Grande do Sul	199	03
S. Paulo	100	01
Santos	162	02
Outros	99	01
TOTAL	7307	100

Gráfico n.º 5
Distribuição por destino (1880-1882)

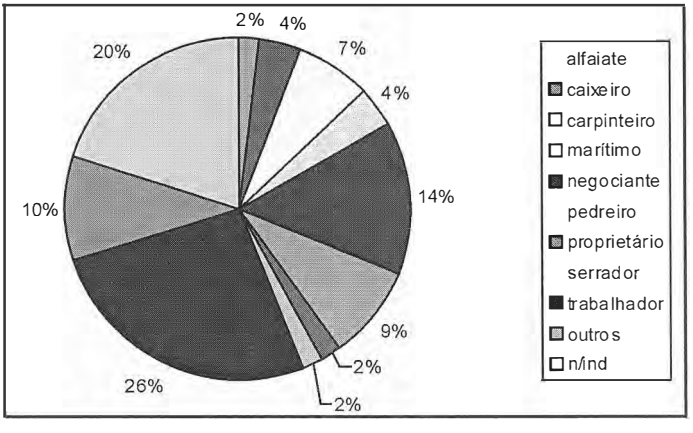


Como seria de esperar, entre esta massa de emigrantes de uma tão variada origem e proveniência, e que parte, como acabámos de observar, para locais tão distintos, podemos encontrar artistas das mais diversas profissões, salientando-se, por exemplo, pescadores e marítimos, na sua maioria oriundos dos concelhos da Póvoa de Varzim e de Matosinhos, e cantoneiros maioritariamente originários de Matosinhos. De Santa Maria da Feira e de outros concelhos do país, partiram outros trabalhadores das mais diversas profissões e ofícios, como sapateiros, ourives, carpinteiros, negociantes, proprietários, trolhas, entre tantos outros que nos escusamos aqui de mencionar (Quadro n.º 6 e Gráfico n.º 6).

Quadro n.º 6
Distribuição por profissões (1880-1882)

Profissões	Número	%
alfaiate	163	02
caixeiro	267	04
carpinteiro	480	07
marítimo	322	04
negociante	1009	14
pedreiro	625	09
proprietário	137	02
serrador	121	02
trabalhador	1962	26
outros	765	10
n/ind	1456	20
TOTAL	7307	100

Gráfico n.º 6
Distribuição por profissões (1880-1882)



Falamos, de um modo geral, das profissões a que se dedicavam os homens. Contudo, numa época em que a grande maioria das mulheres não trabalhava fora de casa, os dados analisados até ao momento permitem-nos constatar que entre as mulheres emigrantes da época, algumas possuíam uma profissão definida, daí que tenhamos encontrado 14 criadas de servir, 1 jornaleira e 1 lavradeira.

Embora neste momento nos pareça prematuro tentar elaborar um esboço, ainda que rudimentar, do perfil do emigrante português para o Brasil, a observação dos dados levantados, através dos quadros e dos gráficos elaborados, permite-nos concluir que, neste curto período, se assistiu a uma emigração em massa – muito diversificada em termos socioeconómicos, culturais e regionais –, que sem dúvida muito contribuiu para o desenvolvimento daquele país.